QUANDO ADULTOS E CRIANÇAS CONSTRÓEM JUNTOS: OFICINA DE PIPAS DO LIPLEI NA UFPE

Virgínia Renata Vilar da Silva[1]
Helen Carmem Lucena da Silva[2]

Introdução: Este este relato de experiência apresenta uma proposta desenvolvida pelo o Laboratório de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Infâncias e Projetos Lúdico-Educacionais Inclusivos (LIPLEI) do Centro de Educação, da Universidade Federal de Pernambuco (CE|UFPE). A atividade buscou explorar as potências do brinquedo popular, em contraponto ao contexto contemporâneo marcado pela excessiva presença de telas no cotidiano de crianças e adultos. A proposta intitulada "Oficina de Pipas do LIPLEI", objetivou para além da construção manual de pipas por crianças e adultos, unir e propiciar vivências lúdicas a mães, pais, demais familiares e crianças. Partiu-se do pressuposto de que ao retomar brinquedos tradicionais provoca-se um deslocamento em relação ao tempo acelerado e fragmentado das interações digitais, apostando na criação do tempo disponível, conforme discute Brammante (1998), onde, os sujeitos podem experimentar ritmos mais lentos, processos manuais, tentativas sucessivas e construção compartilhada. O trabalho também se fundamenta na compreensão de que o brincar atua como ponte intergeracional, permitindo que adultos encontrem experiências da própria infância, enquanto crianças vivenciam práticas que atravessam gerações, produzindo encontros que articulam memória, afeto e criação. Além disso, dialoga-se ainda com a compreensão de que o brincar constitui uma prática cultural que atravessa tempos e gerações, sendo mediador de aprendizagens, vínculos e sentidos, conforme discute Kishimoto (2002), ao enfatizar que brinquedos tradicionais preservam modos de interação que fortalecem a experiência lúdica e ampliam repertórios culturais. **Metodologia**: A oficina envolveu quatro etapas: organização interna da proposta com a equipe LIPLEI, preparação dos materiais, divulgação em redes sociais e realização da oficina com a

[1] Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, virginia.renata@ufpe.br
[2] Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, helen.lucena@ufpe.br

construção artesanal de pipas. **Desenvolvimento:** A oficina foi organizada em formato colaborativo, ocupando inicialmente o espaço interno do LIPLEI e ampliando-se ao *hall* do CE da UFPE devido, com vasta adesão de participantes, mesas, chão amplo e materiais distribuídos permitiram que diferentes grupos se formaram espontaneamente. Seguiu-se o passo a passo tradicional de confecção de pipas: montagem da armação em cruz, ajuste da tensão da linha, colagem cuidadosa da seda, preparação da rabiola e ajuste final e teste ao ar livre. Havia crianças sentadas no chão recortando papel, adultos guiando a amarração dos palitos, famílias inteiras reunidas em torno de uma só pipa e participantes experimentando formatos variados, resultando em modelos diversos, coloridos e esteticamente únicos. Ao manipular os materiais, testar, errar e refazer, adultos e crianças experienciaram o brinquedo como criação cultural, e não apenas como produto final (Brammante, 1998). Ademais, a oficina reafirmou o brincar como prática cultural viva, conforme sugere Kishimoto (2002), para quem os brinquedos tradicionais preservam modos de interação que atravessam gerações, possibilitando a partilha de significados e produção de sentidos comuns no ato de brincar. A construção tornou-se um exercício prático em diálogo com Freire (1996, p.37). “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, indicando que só é possível propor aquilo que efetivamente vivenciamos. Na etapa final ocupando a área externa do Centro de Educação pipas foram ao ar, propiciando satisfação, arrancando sorrisos e momentos únicos de interação sociocultural e familiar. **Conclusão**: A experiência revelou que, para os adultos, a pipa evocou memórias da própria infância, reacendendo histórias de quintal, vento e rua, enquanto para as crianças, tornou-se oportunidade de vivenciar uma brincadeira intergeracional, reconhecendo que aquele brinquedo já pertenceu às vivências de seus familiares. O encontro cercou memórias para alguns, novidade para outros, além de reconhecimento e diálogo, tornando perceptível que diferentes gerações partilham significados acerca do brincar, além da reconstrução de sentidos sobre as experiências de lazer entre famílias. Nesse contexto, a oficina também se apresentou como um contraponto necessário ao uso intensivo de tecnologias digitais no cotidiano das famílias. Ao propor um encontro centrado no fazer manual e na experiência corporal, rompeu-se momentaneamente com a lógica de consumo imediato própria das interações mediadas por telas. Como discute Turkle (2011), embora tecnologias promovam conexões, frequentemente reduzem a qualidade das relações presenciais, comprometendo experiências afetivas e sensoriais de forma mais pronda. Assim, ao privilegiar o encontro, o gesto, o erro e a criação compartilhada, a atividade reafirmou o valor do brincar não digital como experiência formativa, cultural e humana.Por fim, a atividade valorizou não apenas o uso do brinquedo, mas o processo integral de produzi-lo ao favorecer a criação manual em ambiente colaborativo, ampliando

repertórios lúdicos, resgate de práticas tradicionais e reforço do brincar como campo formativo essencial na vida das crianças e famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedo Popular, Intergeracionalidade, Vivências Compartilhadas.

REFERÊNCIAS

BRAMANTE, Antônio Carlos. **Lazer, concepções e significados.** LICERE, v. 1, n. 1, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a criança.** 8. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

TURKLE, Sherry. **Alone together: why we expect more from technology and less from each other**. New York: Basic Books, 2011.